

O Romance como Portal: Depoimento e Entrevista a Gabriel Rui Silva

Sandra Guerreiro Dias*

Escola Superior de Educação – IPBeja | Centro de Literatura Portuguesa –
Universidade de Coimbra

*Gosto da pedra e da pena, de como aquela é asa na forma de uma qualquer catedral.
(Gabriel Rui Silva, 2024)*

À guisa de fé

Cruzei-me com a obra de Gabriel Rui Silva em 2014, quando realizava investigação sobre a poesia portuguesa nos anos 1980. Percebi, de imediato, a singularidade do seu perfil no panorama literário deste período e não só, afigurando-se-me qual *flash* e encontro “mágico” que só se dá entre discípulo e mestre quando o primeiro está verdadeiramente pronto.¹ E eu estava. Esta intuição veio a confirmar-se quando lhe escrevi, mais tarde, a solicitar material complementar sobre o seu trabalho e combinámos um encontro ao vivo. Naquela tarde nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, algures entre 2014 e 2015, compreendi que, mais do que sincronias várias, nos unia um olhar deslumbrado sobre a poesia como salto de fé, como em Platão, para quem os poetas são guias de sabedoria. Ficámos amigos. Continuei a estudar a sua obra, que encarei como uma jornada, também ela, em certa medida, “romanceada”, na medida em que investigar é traçar uma missão, selecionar os métodos, a abordagem e os caminhos que permitem deslindar a intriga, esta que, entre a luz e as sombras, sempre enredadas, nos guia nesse percurso. Como num romance. Não por acaso, “Dark is a way and light is a place”, é a

epígrafe, da autoria de William Blake, com que Silva abre *INSTALAÇÃO: romance* (Silva 1986), a sua obra mais emblemática.



Figura 1 – Gabriel Rui Silva, “Lembro-me perfeitamente de como tudo começou” (1988), “Performarte II – Encontro Nacional de Intervenção e Performance”, Galeria Municipal, Amadora. Fotografia: Francisco Salgueiro. Reproduzido com a autorização do autor.

Uma outra simetria nos ligava, ainda: Gabriel Rui Silva é o autor da monografia *Manuel Ribeiro, o romance da fé* (2010), sobre a vida e obra de Manuel Ribeiro (1878, Alburnoa – 1941, Lisboa), meu conterrâneo. É, também, o atual responsável pela recuperação e divulgação da obra e memória daquele escritor tão injustamente soterradas.² Foi por sua sugestão, pois, que li, pela primeira vez, *Rosa Mística e outros poemas* (2012), obra de poesia dada à estampa pela mão de Silva, que reuniu, selecionou e anotou, além dos poemas de *Rosa Mística*, livro inédito, um conjunto de outros textos publicados na imprensa alentejana da época entre 1896 e 1940.³ Em “Sentido de Viver”, título de um dos poemas,⁴ pode ler-se o seguinte: “Tudo o que não se explica e se não sabe? / Tudo o que torna o pensamento enfermo? / Tudo isso que se sente e que não cabe / na incisão geométrica dum termo?” (Ribeiro 2012: 72).

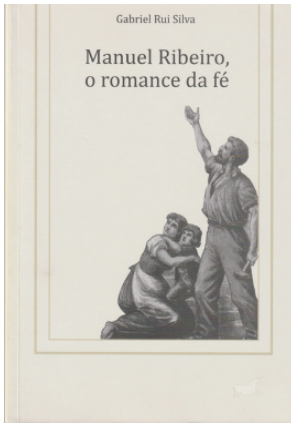


Figura 2 – Gabriel Rui Silva, capa de *Manuel Ribeiro, o romance da fé* (2010). Reproduzido com a autorização do autor.



Figura 3 – Gabriel Rui Silva, capa de *Rosa Mística e outros poemas* (2012). Reproduzido com a autorização do autor.

As perguntas sem resposta são diagramas que orientam um percurso, desta feita, também de Gabriel Rui Silva, que se entretetece em interlocução permanente com os autores que investiga. Veja-se a publicação dedicada a Eduardo Metzner, *Eduardo Metzner, Vida e Obra de um Sem-abrigo* (2014), poeta e jornalista maldito dos finais do século XIX e inícios de XX, também ele olvidado, que termina com a transcrição de um seu poema inédito, intitulado “A Fé”. Fé, esta que, na explanação de Silva, constitui a “força da inabalável certeza sempre presente na substância das coisas esperadas” (Silva 2014a: 84), e o que move, também, em certa medida, a sua própria obra. Transcreve-se o seguinte excerto daquele poema de Metzner: “Basta para vencer que a Fé nos ilumine. / Ela é a chave de oiro, o místico segredo, / que faz santos, heróis, na pira ou no degredo / de Francisco de Assis a Miguel Bakunine...” (apud Silva 2014a: 84). Entenda-se, aqui, “vencer”, na aceção de realização, entendimento, vislumbre, compreensão, percepção. Ou sendo este, pelo menos, o sentido em torno do qual pode ser lido o modo como o percurso artístico de Gabriel Rui Silva se desenha para o relato e cumprimento de um romance, por um lado, enquanto modo narrativo ensaiado entre a poesia e a performance,⁵ e desígnio, amplitude de revelação, ímpeto de descoberta, por

outro (também enquanto chave de leitura dos escritores que estuda), como o próprio testemunha na resposta à penúltima e última perguntas da entrevista *infra* reproduzida.

Similarmente, a sua obra visual pode ser enquadrada neste pressuposto, sendo constantes as referências ao romance como âmbito reflexivo e arquétipo literário, e à fé como força e forma, condição motriz de realização de um trajeto que só se efetiva na medida em que é “esculpido”, manifestando-se na duplicidade do que mostra e esconde. É o próprio Gabriel Rui Silva quem remete para a teoria sobre as pedras, de Mircea Eliade que, em *Tratado de História das Religiões*, observa o seguinte: “O seu valor sagrado [da pedra] é exclusivamente devido a esta *alguma coisa* ou a este *algum lado*, nunca à sua própria existência. Os homens adoraram as pedras apenas na medida em que elas representavam *algo diferente* delas mesmas” (Eliade 2008: 175).

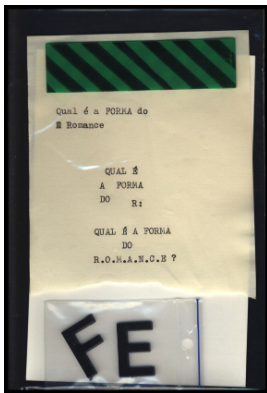


Figura 4 - Gabriel Rui Silva, “Fé” (1982). Arquivo: po-ex.net. Reproduzido com a autorização do autor.

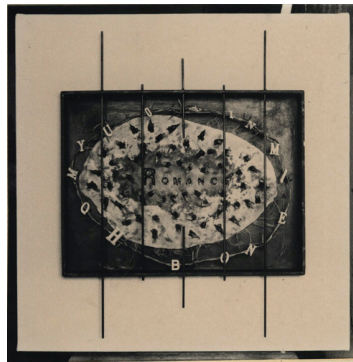


Figura 5 - Gabriel Rui Silva, “Romance” (1989). Arquivo: po-ex.net. Reproduzido com a autorização do autor.

Por outro lado, refira-se o facto de o poeta se ocupar de uma reflexão aprofundada sobre a função da poesia na realização deste projeto, e de a esta dedicar o seu percurso, ponto de partida e chegada. Numa performance-instalação que realizou em 1992 em Almada, “Big-Bang, Poesia!”, o poeta apresentou um manifesto sobre o seu poder vaticinador, fazendo correr o poema homónimo num conjunto de painéis urbanos

eletrônicos utilizados para este efeito, surpreendendo a população daquela cidade num final de tarde outonal. Na descrição desta intervenção-performance que publicou, mais tarde, na brochura sobre “Big-Bang, Poesia!”, Silva descreve:

Num fim de tarde de 1992, as árvores deram a ver o negro e o verde e lembraram que, hoje como ontem, numa gruta, num mosteiro ou nas ruas povoadas das cidades, uma pele escamada e sintética continua a fazer-se e a refazer-se num ondulado infatigável e belo, num fluxo e refluxo constante para que a memória triunfe e rebente na boca dos homens enquanto as cidades se cumprem e se afundam no tempo e línguas nascem e morrem num cric-cric insistente, num tic-tac cardíaco de sons antigos que, por vezes, surgem à tona, à superfície, trazendo com eles a música, a bela música dos homens e o sublime sabor da Poesia!

Este é o tempo, este é o lugar! (Silva 1993: 23-24)⁶

Recorde-se, a este respeito que, na abertura de *Teogonia*,⁷ Hesíodo apresenta as Musas Helicónias (símbolo da poesia) como filhas de Zeus (Ordem Cósmica) e de Mnemósine (Memória). Também em Gabriel Rui Silva a poesia é lavrada e meditada como o bastião da memória, logo intemporal, mas, por isso mesmo, também, modelar. Esta conceção metamórfica da palavra, falada, escrita e desenhada, replica a máxima de Ovídio, que o poeta cita na entrevista de 2014: “De formas mudadas em novos corpos leva-me o engenho a falar, assim se inicia ‘Metamorfoses’” (Silva 2014b). O que vai ao encontro de outra das particularidades desta “poesia de fé”: o seu desdobramento em múltiplas áreas artísticas e de intervenção. A sobreposição entre fotocópia e *collage* intervencionada é a base, por exemplo, do projeto “Rimbaud” (1989), que evoca a figura do escritor místico que, na conhecida carta de 13 de maio de 1871 a Georges Izambard, profetiza: “Quero ser poeta, e trabalho para me tornar Vidente: você não pode compreender, e eu mal saberei explicar-lhe. Trata-se de alcançar o desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos” (Rimbaud 2018: 519).



Figura 6 – Gabriel Rui Silva, “Rimbaud” (1989). Arquivo: po-ex.net. Reproduzido com a autorização do autor.

Este desregramento, ou liberdade, corresponde a uma conceção de texto como “estrutura sónica” (Clüver 2024: 75) explorada na combinação entre diferentes sistemas semióticos em função de uma imaterialidade do sentido que, plasmando-se sob diversos *media*, se substancia na performance do texto: o seu acontecimento. Por isso, irrepetível na conjugação que ativa, quando “acontece”, entre texto, performer, espaço, tempo, meios e receção. Isso mesmo encontra-se assinalado na penúltima vinheta de “Rimbaud”, onde se recupera o conceito grego de *poiesis* que agrega, em si, conhecimento, como busca de uma verdade superior (isto é, a poesia – à esquerda de Rimbaud), e o impulso do espírito humano para a sua materialização (a *praxis* – à direita de Rimbaud), ou pesquisa desse conhecimento por intermédio da experimentação entre sentido – corpo – matéria, da pedra e à luz.

Entre as principais áreas nas quais Gabriel Rui Silva se tem movimentado, destaque-se, assim, o romance experimental, a poesia visual, a arte da performance, a música e meios tecnológicos como o poema eletrónico ou o vídeo, que explorou, sobretudo, com a função de “colocar o caos em sentido” (Silva 2014b), sempre precário,

mutável, possível.

Gabriel Rui Silva pode ser enquadrado no contexto artístico e interventivo da Poesia Experimental Portuguesa (PO-EX). Carlos Mendes de Sousa e Eunice Ribeiro incluem-no na *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa Anos 60 – Anos 80*, editada em 2004 pela Angelus Novus.⁸ O autor é também um dos poetas que integra o *corpus* representado no *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*, figurando entre os “Autores PO.EX”, isto é: “Autores que participaram nas publicações colectivas e históricas da Poesia Experimental Portuguesa e que constituíram o *corpus* original deste Arquivo Digital” (Torres 2005). Note-se, no entanto, que, como afirma E. M. de Melo e Castro,⁹ Rui Torres, e outros, a PO-EX não constituiu um grupo organizado (Torres 2010: 31–32), devendo ser entendida enquanto conjunto de práticas experimentais de renovação literária e política do campo, levadas a cabo por determinados poetas desde a década de 1960 até aos nossos dias. Isso mesmo é corroborado nesta entrevista por Gabriel Rui Silva que, na primeira pergunta, a este respeito refere apenas o contacto episódico com artistas como Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro e Fernando Aguiar. Foi com este último que o poeta organizou a mostra “Concreta. Experimental. Visual. Poesia Portuguesa, 1989–1989”, na Universidade de Bolonha, em abril de 1989, mais tarde apresentada, também, em Paris e em Bordéus. A exposição constituiu, afinal, um momento charneira na internacionalização do “grupo”, depois da participação na Bienal de São Paulo de 1977, devendo, pois, salientar-se o papel que Silva desempenhou, embora não só, na internacionalização da herança PO-EX.

Cerca de uma década volvida desde o nosso primeiro contacto, eis que surge a ocasião de, mais do que merecidamente, homenagear publicamente Gabriel Rui Silva, pelo seu percurso e contributo que tem dado, nomeadamente, para os estudos literários experimentais e da performance, reflexão e experimentação intersemiótica do texto, bem como pela abordagem invulgar que a sua obra materializa entre literatura, filosofia e vida, constituindo um caso de estudo *sui generis* e ilustrativo dos caminhos insondáveis da literatura. As “Jornadas Poesia e Performance II: Corpo, Manifesto” que o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML – FLUP) vem a organizar desde 2022,¹⁰ e cuja comissão organizadora integrei,¹¹ foram o pretexto para esta celebração, tendo sido Silva o artista homenageado desta edição.¹²

O tributo configurou, também, a oportunidade de convidar Gabriel Rui Silva para uma conversa que eu própria tive o privilégio e prazer de moderar, que aconteceu no dia 24 de fevereiro de 2024 na Casa Comum – Reitoria da Universidade do Porto, e na qual, entre outros, o autor discorreu, ao vivo, sobre a sua obra mais icónica, *romance* (1986–),

uma performance inacabada e apresentada durante a década de 1980 em diversos locais do país e que tem por base o texto *INSTALAÇÃO: romance* (1982), redigido em Auxerre, publicado, em 1986, em Almada e distribuído aquando da primeira intervenção, no evento homónimo.¹³



Figura 7 - Gabriel Rui Silva e Sandra Guerreiro Dias, “Jornadas Poesia e Performance II: Corpo, Manifesto”, 24/2/2024, Casa Comum, Porto. Fotografia: Público. Reproduzido com a autorização dos autores.

Associa-se àquela homenagem este depoimento e entrevista que surgem como corolário de uma investigação e amizade. Pesquisa, esta, que tem procurado contribuir para o reconhecimento do lugar expressivo de Gabriel Rui Silva na literatura portuguesa e seu estudo, não só pela obra poética, arrojada, original, densa, como também pela investigação que tem dedicado a autores que, como ele, se atreveram a “pensar pela sua cabeça” (Silva/Ferreira 2011: 10).

A “escrita é a única forma perfeita do tempo”, afiança J. M. Le Clézio. Esta constitui, no entanto, a sua mais funesta passagem, pois que o que importa é “continuar a viagem sem regresso”, como escreve Henrique Varik Tavares em *Poesia (im-provavelmente) Completa*, obra cujo levantamento e recolha documental é da responsabilidade de Gabriel Rui Silva. Continua, e conclui: “Escuta a resposta divina para aqueles que saem fora do círculo e voltam dos puros ventos... continuar a viagem sem regresso deveis escrever sempre junto do lago da memória” (Tavares 2018: 80).

A autora agradece publicamente a colaboração de Gabriel Rui Silva com as Jornadas de *Poesia e Performance II: Corpo, Manifesto* (2024) e a incansável disponibilidade para a realização desta, e de todas as outras, infinitas, conversas e entrevistas.

Entrevista a Gabriel Rui Silva¹⁴

1. Procurando situar-te um pouco no teu tempo histórico e artístico, é impossível não te associar à poesia experimental portuguesa. Qual foi, afinal, a relação que estabeleceste, ou não estabeleceste, com os artistas da primeira e segunda geração deste “movimento”?

¹⁵Em boa verdade, a relação traduziu-se, tão só, em verificar que os encontrava em espaços comuns de actuação. Recordo dois contactos mais ou menos episódicos com a Ana Hatherly, idem com o Alberto Pimenta, três ou quatro com o Melo e Castro e mais alguns com o [Fernando] Aguiar. Procurei/procuro seguir o conselho de Grandela, o makavenko, “sempre por bom caminho e segue”. Recordo ter apreciado o Melo e Castro, sempre correcto e generoso.

2. E no cômputo mais internacional? Enquadras-te em alguma linha de pensamento, corrente artística ou consideras que tudo isso são análises a posteriori dos historiadores?

Como creio ter-te dito, anos atrás, se houve momento inesperado no meu trajecto foi deparar-me, em Paris, com uma retrospectiva de Yves Klein, isto nos primeiros anos de 80 (82, 83??). A exposição/retrospectiva estourou-me na alma com um estrondo tanto mais forte quanto o facto de, à época, ser para mim um autor desconhecido. Bom, importa sublinhar que esses anos em Auxerre, onde vivia na altura, e Paris, onde ia regularmente, foram tempos de assombros!... A experiência de real intensificado, chamemos-lhe assim por comodidade, ocorrida em Lyon, que me conduziu à escrita de “Instalação: romance”, texto que, creio, estaria já quase terminado aquando da retrospectiva, precisava do estouro do Yves Klein Blue, para me colocar no caminho da performance, embora, o contacto com os festivais que o Egídio Álvaro, realizara em Almada, me predispussem para a recepção do YK, cujo azul foi o percutor na pólvora que vinha acumulando no meu paiol! Acho que o que ele comigo fez foi judo, uma projecção em estilo, ou não tivesse sido ele um tão talentoso artista da marcial arte.

3. Consideras-te um poeta, um artista, um escritor, um investigador ou um performer, tudo isso ou não há categorias suficientes que abarquem a indefinição destas classificações?

Considero-me um homem para quem a poesia, a arte, a escrita, a investigação e a performance são actividades às quais dediquei/dedico tempo e pensar. Realidades que em mim vivem muito juntas e que desejo inseparáveis.

4. O que é a performance? É possível uma sua definição? Se sim, qual?

Eu tenho a minha. Chamo performance à apresentação, e nisto esta palavra é nuclear, esteticamente intencional de uma realidade que, num fluxo temporal mais ou menos longo e espacialmente determinado, não separa arte e vida e que tende a esboroar categorias tais como a fronteira entre sonho e real. Deve ser tudo isto num unísono. Assim, a pedra de toque para aquilatar da verdade do acto é a ausência de ensaio(s) – performance não é teatro, nunca será de mais repeti-lo – a irrepetibilidade da acção e a necessidade de a apresentação criar um envolvimento cuja estranheza da intensidade estética/visual seja tão inesperada e forte que quem vê, sabendo-a real, a possa percepcionar como realidade onírica. Se quiser ser categórico e sintético, performance é tudo isto enquanto manifestação de uma competência



Figura 8 – Gabriel Rui Silva, “Lembro-me perfeitamente de como tudo começou” (1988), “Performarte II – Encontro Nacional de Intervenção e Performance”, Galeria Municipal, Amadora. Caderno de Memórias, p. 4.

Arquivo: po-ex.net. Reproduzido com a autorização do autor.

5. Há algumas referências estéticas que gostasses de referir? Não necessariamente importantes para o teu trabalho como artista mas talvez mais como referências, pessoas, obras, que te inspiram ensinamentos maiores, de sabedoria.

Tantas são!... O meu amigo Toninho, no fim da infância e princípio de adolescência; dois ou três professores no liceu, de que destaco João Gonçalves Moita, professor de português, de quem lembro nitidamente a primeira vez que o vi (uma porta que se abria e entra) e também a última (uma porta a fechar-se e desapareceu na noite); o suicidado Eduardo Guerreiro, em Almada e nos anos iniciais da Faculdade de Letras; autores como Nuno Bragança, Herberto, Ernst Junger, Philip K. Dick, entre outros; pessoas extraordinárias como o Carlos Antunes, o “Daniel”, o Alfredo Tinoco, o Álvaro Fernandes, o Rui Azevedo Teixeira, etc.. Enfim, por vezes sinto-me privilegiado por ter privado com algumas pessoas “maiores do que a vida”. Mas, em boa verdade, em tempos diferentes, verdadeiramente importantes e, para usar o teu termo, inspiradoras, três mulheres, a Maria João (Sara), a Teresa Inácio e a Ana Mc Donald. São sempre as mulheres, são elas que movem o mundo e as estrelas...

6. “INSTALAÇÃO: romance” (1982-). Fala-me um pouco sobre esta obra.

Creio já te ter dito o essencial que é o facto de ter começado com a escrita do conto/novela do mesmo nome que, por sua vez, foi espoletado pela extraordinária situação que vivi em Lyon (Lugdunum, seu nome matriz...). Estou em crer, hoje, que a escrita pode desencadear fenómenos de produção de realidade que são incompreensíveis à luz da física tradicional e, assim, em YKB me vi instalado na performance viva do romance, romancevivo, vivoromance, fluxo tão mais poderoso quanto se autoalimentava. Um primeiro momento de tentativa de ordenação do caos, da incompreensível realidade do estado das coisas, um exercício de fuga à desordem que, afinal, ao produzir ordem gerava mais entropia...

7. “Parte-se para se voltar, volta-se para se contar.”, escreves num texto inédito que partilhaste comigo recentemente e que parece versar sobre romance (1982-). Esta performance é o caminho, a sua narrativa ou ambos?

A originalidade é a máxima discrição sobre as fontes, dizia um meu amigo, já falecido. Não sei se a máxima era dele ou se a bebeu nalgum rio, para o caso não interessa, porque partilho a opinião e como não pretendo ser original, que só é novo o que está esquecido, recordo ter picado o dito em Giordano Bruno.

À minha escala, trata-se de uma epopeia, como, aliás, o é a vida de cada um, e como não há epopeia sem a narrativa do combate, creio que, com este acrescento, posso responder à pergunta com, sim, sim, sim.

8. O que é um romance? Um caminho? Uma obra? Uma performance? Um poema?

No meu universo, romance é uma palavra mágica cuja potência evocadora cria realidade e sentido. É um mito, um nada que é tudo, um oxímoro, a megalomania visual e sonora de um bem pequeno bicho da terra que, um dia, esteve num limiar. Um portal.

9. O romance é a vida ou é “o caos em perspectiva”, como tu próprio afirmaste numa outra entrevista de 2014?

O romance é isso e uma forma discursiva de fé. Não a fé desta ou aquela religião, mas a fé que leva alguém a ordenar situações, escritas, acções e que pressupõe a existência não só de um sentido como da possibilidade de a ele se poder aceder. Um gnosticismo, pois. O romance pressupõe um fim, uma teleologia. É uma busca, um método, um veículo. O romance é antídoto à loucura.

10. Gostava, por fim, que me falasses um pouco sobre a forma como vês, pensas e refletes artisticamente sobre as relações entre a linguagem e a pedra.

Gosto da materialidade viva da pedra e de como é plástica, de como alberga a possibilidade de gerar o seu contrário. A pedra que cai do céu e faz elevar os olhos para o sítio de onde vem. O movimento dos olhos, a queda, a ascensão.

Céu-terra-céu. Peso e leveza. Gosto do carácter físico da letra, da leveza do seu peso, da sua materialidade e da possibilidade de criar o virtual, de como esse virtual, na sua imaterialidade, esculpe o real, o cria, o transforma. Gosto da pedra e da pena, de como aquela é asa na forma de uma qualquer catedral. Falo da letra e do espírito, falo da matéria e da antimatéria, da realidade, seja lá isso o que for, e do sonho, de como um fabrica o outro. Falo de como o espírito é a forma mais elaborada da matéria e de como a matéria é a forma mais elaborada do espírito. Pedra-Letra-Espírito. Falo de como tudo isto é um romance.

É um romance, Sandra!



Figura 9 – Gabriel Rui Silva, “Orbis sensualium scripturae” (1988), Museu de Setúbal, Convento de Jesus, Setúbal. Caderno de Memórias, p. 5. Arquivo: po-ex.net. Reproduzido com a autorização do autor.

NOTAS

* Sandra Guerreiro Dias (1981) nasceu em Beja. É licenciada em Estudos Portugueses, mestre em Literatura e História e doutorada em Estudos Literários e História Contemporânea pela Universidade de Coimbra (UC), com tese financiada pela FCT (2016). É Investigadora do Centro de Literatura Portuguesa (UC), do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), do ICNova (Nova FCSH), do *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa* (Universidade Fernando Pessoa) e do *MATLILAB: Laboratório de Humanidades* (UC), entre outros projetos de investigação. É Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, onde tem lecionado língua e literatura portuguesas. É poeta e publica em revistas e antologias de poesia experimental.

¹ Como escreveu Xenófanes: “Uma vez que desde início todos aprenderam por Homero... (fig. 10 Diels)” (*apud* Pereira 1998: 131).

² Manuel Ribeiro foi o autor mais lido nos anos 1920 em Portugal, sendo o mais relevante precursor do neorrealismo português (Silva 2012: 18–19).

³ De acordo com Gabriel Rui Silva, *Rosa Mística* é o título de um livro de Manuel Ribeiro, datado de 1921, e cuja publicação, por razões desconhecidas, não se chegou a concretizar.

⁴ E também do livro de poemas publicado em 1909, o segundo livro de poesia publicado em vida do autor, intitulado, precisamente, *Sentido de Viver*.

⁵ No campo específico dos estudos literários, o termo romance assume diferentes configurações. Na génese da teorização do conceito está, também, o seu polimorfismo (Reis 2018: 432–437).

⁶ Sobre esta intervenção, veja-se Sandra Guerreiro Dias (2024a).

⁷ (Pereira 1998: 91-92).

⁸ Entre outras coletâneas. Refere-se esta pela importância que assumiu, na viragem do século, para o mapeamento e estudo da literatura experimental portuguesa, de par com o trabalho pioneiro de Rui Torres, criador do arquivo po-ex.net.

⁹ “Em Portugal nunca houve no entanto um grupo organizado de Poetas Concretos, tendo a Poesia Concreta interessado a determinados Poetas em determinada altura, como via de alargamento da sua pesquisa morfosemântica” (Melo e Castro 1977).

¹⁰ As jornadas de poesia e performance são organizadas pelo grupo de investigação “Intermedialidades”, do ILCML. A primeira edição ocorreu em 2022, intitulou-se *Jornada Poesia e Performance*, e teve lugar na Sala de Reuniões da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) no dia 27 de setembro. A segunda edição aconteceu entre 22 e 23 de fevereiro de 2024, na FLUP e na Reitoria da Universidade do Porto. Mais informação: https://ilcml.com/wp-content/uploads/2024/02/PROGRAMA_21.02.2024.pdf.

¹¹ Juntamente com Diogo Marques, Annita Costa Malufe, Isabel Carvalho e João Paulo Guimarães.

¹² A edição de 2022 homenageou Fernando Aguiar e a edição de 2025, António Barros.

¹³ Sobre este trabalho, veja-se Sandra Guerreiro Dias (2024b).

¹⁴ Realizada por correio eletrónico em dezembro de 2024.

¹⁵ O autor segue o antigo acordo ortográfico.

Bibliografia

- Clüver, Claus (2024), *Entre textos, entre artes, entre mídias: Ensaios de Claus Clüver*, Diniz, Thais / Oliveira, Solange / Figueiredo, Camila (orgs.), São Paulo, Paco Editorial.
- Dias, Sandra Guerreiro (2024a), “O Poema-Performance Eletrónico ‘Big-Bang, Poesia!’”, in N. Barros, Né / Vilela, Eugénia (orgs.), *Performances no Contemporâneo II*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 81-104.
- (2024b), “romance: Text and intermedial performance in Gabriel Rui Silva”, *Cahiers de Littérature Orale*, n.º 95-96, <<https://journals.openedition.org/clo/13808>> (último acesso em 02/03/2025).
- Eliade, Mircea (2008), *Tratado de História das Religiões*, tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes, 3.ª Edição, São Paulo, Martins Fontes.
- Melo e Castro, Ernesto de (1977), “A Poesia Experimental Portuguesa”, in Melo e Castro, Ernesto de (org.), *Representação Portuguesa XIV Bienal de São Paulo*, São Paulo, António Coelho Dias, Lda.

- Pereira, Maria Helena da Rocha (org.). (1998), *Hélade: Antologia da Cultura Grega*, 7.^a Edição, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Reis, Carlos (2018), *Dicionário de Estudos Narrativos*, Coimbra, Almedina.
- Ribeiro, Manuel (2012), *Rosa Mística e outros poemas*, Gabriel Rui Silva (org.), Évora, Licorne.
- Rimbaud, Arthur (2018), *Obra Completa*, tradução de João Moita e Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D'Água.
- Silva, Gabriel Rui (1986), *INSTALAÇÃO: romance*, Almada, Oficina de Cultura.
- (1993), *Intervenção urbana: Big-Bang, Poesia!* Almada, Câmara Municipal de Almada.
- (2010), *Manuel Ribeiro, o romance da Fé*, Évora, Licorne.
- (2012), "Manuel Ribeiro, olhando o que há de vir e sempre ausente", in Ribeiro, Manuel, *Rosa Mística e outros poemas*, Évora, Licorne: 13-21.
- (2014a), *Eduardo Metzner: Vida e Obra de um Sem-Abrigo*, Évora, Licorne.
- (2014b), Entrevista concedida por correio eletrónico a Sandra Guerreiro Dias.
- / Ferreira, Carla (2011, junho 17), "Manuel Ribeiro, comunista católico", *Diário do Alentejo*: 10.
- Tavares, Henrique Varik (2018), *Henrique Varik Tavares: Poesia (in-provavelmente) Completa*, Franco, António Cândido / Reys, Luiz Pires dos / Silva, Gabriel Rui (org.), Porto, Edições Sem Nome.
- Torres, Rui (org.) (2005), *Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa*, <<https://po-ex.net/>> (último acesso em 02/03/2025).
- (2010), "Concrete Poetry in Portugal: Experimentalism and Intermediality", *Poetica: An International Journal of Linguistic-Literary Studies*, n.º 74: 31-45.